



## FORMAÇÃO DE LEITORES E *BEST-SELLERS*: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

Mayara Regina Pereira Dau Araujo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Os números de vendas de livros, principalmente aqueles destinados ao público jovem, têm aumentado vertiginosamente. Verifica-se nos rankings semanais de leitura de algumas revistas, que as práticas de leitura atuais se voltam para as obras que fazem parte da considerada “literatura de massa”. Com o objetivo de compreender as atuais práticas de leitura, entrevistamos algumas leitoras que tem os *best-sellers* e os livros de “autoajuda” entre seus preferidos. Esta pesquisa pretende levantar reflexões em torno das práticas de leitura atuais, que já não podem mais ser desprezadas. Apesar das diversas críticas lançadas aos livros da “literatura de massa”, estes têm se destacado entre os preferidos dos leitores atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Cânone; *Best-sellers*.

**ABSTRACT:** The number of sold books has been increasing sharply lately, especially of those targeted at younger audiences. Some magazines present weekly reading rankings that show the contemporary reading habits consisting mostly of workpieces deemed to be "mass literature". In order to understand the contemporary reading habits, we interviewed some book editors that have best-sellers and self-help books among their preferred workpieces. The purpose of this research is to present thoughts on the contemporary reading habits that cannot be ignored anymore. Despite withstanding massive criticism, the "mass literature" books have won the contemporary readers' preference.

**KEY WORDS:** Reading; Canon; Best-sellers.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo busca compreender a predileção dos atuais leitores pelos *best-sellers* em detrimento dos clássicos da literatura. Para isso, levantamos uma breve discussão em torno da atribuição do valor de uma obra literária definido pela crítica e do valor de uma obra dado pelo leitor comum. O *corpus* é composto por relatos de sete mulheres leitoras de *best-sellers* sobre suas práticas de leitura. Todas as entrevistadas são do sexo feminino, de diferentes idades e atividades. Contudo, a escolha de mulheres não foi proposital, isso se deve a dificuldade em encontrar pessoas do sexo masculino dispostos a revelar suas práticas de leitura.

### A “oscilação dos valores na bolsa literária”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras (Unioeste-PR). Email: mayarabrt@hotmail.com



Passamos a uma breve discussão em torno do valor de uma obra literária. Esse tema nos remete ao cânone literário, definido por Harold Bloom da seguinte forma:

Originalmente, o cânone significava a escolha de livros em nossas instituições de ensino, e apesar da recente política de multiculturalismo, a verdadeira questão do cânone continua sendo: Que tentará ler o indivíduo que ainda deseja ler, tão tarde na história? [...] Quem lê tem de escolher, pois não há, literalmente, tempo suficiente para ler tudo, mesmo que não se faça mais nada além disso (1995, p. 23).

Podemos dizer que o cânone literário é uma seleção das melhores obras de todos os tempos. Para Bloom, o que torna canônicos um autor e uma obra é a “estranheza, um tipo de originalidade que ou não pode ser assimilada ou nos assimila de tal modo que deixamos de vê-la como estranha” (1995, p. 12).

Há muitas linhas teóricas com diferentes abordagens de estudo, podendo ser de perspectiva imanente, transcendente ou imanente-transcendente. Cada linha de estudo enaltece mais ou menos determinados aspectos de uma obra literária, conferindo-lhe valorações; algumas atribuem valor de acordo com o que é intrínseco à própria obra, outras devido à capacidade da obra de tratar de fatores externos e sociais. Enquanto outras agregam valor àquela que é capaz de tratar de forma competente as duas abordagens. A obra literária é um todo complexo, não é possível abordá-la por inteiro, por isso os teóricos buscam voltar seu olhar para alguns elementos e não para todos. A discussão que desejamos provocar é buscar perceber se o que se é levado em consideração para uma obra se tornar canônica depende exclusivamente de características imanentes, transcendentais ou imanentes-transcendentais da obra, ou será que esse valor também não é dado de outra forma? Algumas obras entraram para a reservada tradição canônica não somente devido a atributos estéticos, mas, principalmente, porque foram escolhidas como geniais pelas “instâncias de legitimação”, estas bem definidas por Márcia Abreu:

Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias etc. Uma obra fará parte do seletivo grupo da Literatura quando for declarada literária por uma (ou de preferência, várias) dessas instâncias de legitimação (ABREU, 2006, p. 40).

---

<sup>2</sup> Termo usado por Leyla Perrone-Moisés em seu livro “Altas Literaturas: escolhas e valor na obra crítica de escritores modernos” (1998, p. 17).



Para ser considerado “Literatura” deve passar pelo crivo dessas instâncias que “certificam” que as obras “escolhidas” são as indicadas para se ler, que essas sim levam a uma reflexão profunda, são criadas para fins estéticos e não mercadológicos. Já as obras da “literatura de massa”, como livros de bancas de jornais, ou os *best-sellers*, de acordo com a Academia, não podem fazer parte da “alta literatura”, pois sua criação é motivada pelo mercado, são criadas seguindo “fórmulas de venda”, sem originalidade, com a principal intenção de agradar ao leitor. As questões de valor abarcam diversas outras questões. Nesse sentido, é importante sempre a abertura e a atenção para os diversos estudos, proporcionando uma transdisciplinaridade, levando em consideração que a literatura pode e deve ser tratada sempre por diversos olhares e não somente um.

E para os leitores comuns, o que é considerado Literatura? Será que eles levam em consideração os aspectos internos ou externos de uma obra para a escolha de uma leitura? Para pensar sobre essas questões, entrevistamos sete mulheres de diferentes idades e atividades<sup>3</sup> e elas nos deram algumas pistas sobre essas questões. Algumas se sentem mais atraídas por aqueles livros que fazem alguma relação com sua vida e com sua identidade<sup>4</sup>. Para melhor organização e análise das entrevistas, selecionamos parte dos relatos e distribuimos em três temas: 1. Leitura na infância; 2. Mediadores de leitura e 3. Escolhas conscientes: o olhar crítico do leitor comum.

### **Leitura na infância**

Em algumas falas, é recorrente a presença da escola durante a infância:

Quando eu era criança tinha o hábito de ler gibis e alguns livros de literatura infantil, um deles falava sobre Brasília muito bom, só não me recordo o nome [...]. Na escola lia também livros como *A tartaruga e a lebre*, *A pequena sereia* enfim livros infantis (Aline).

A maioria delas se recordam de contatos com a leitura que ocorreram por intermédio da escola. Já Maria lembra de poucos títulos lidos na infância, e que também foram apresentados pela escola. Durante sua infância, o acesso aos livros não era tão facilitado como nos dias de hoje:

<sup>3</sup> As entrevistadas foram identificadas pelos seguintes nomes fictícios: Rosana (26), Aline (24), Beatriz (16), Luana (16), Caroline (22), Pérola (39) e Maria (51) que possuem como atividades, respectivamente: professora de Matemática, acadêmica de Pedagogia, estudante do ensino médio em escola pública, estudante do ensino médio em escola particular, acadêmica de Farmácia, Copeira e Dona de casa.

<sup>4</sup> Ver *Identidade* (BAUMAN, 2005) e *A identidade cultural na pós-modernidade* (HALL, 2006), entre outros.



Na minha época não tinha livros assim como tem hoje. Era mais livros da escola, me lembro do *Meu pé de laranja lima* e as *Histórias de Pedrinho*, acho que tinha uns 9 anos. A professora pediu para ler e fazer interpretação de texto, mas não lembro mais da história (Maria).

Interessante notar que durante a infância, o incentivo dado pela escola à leitura parece ser maior. Quando menores, os professores ainda mantêm, com mais frequência, o hábito de levar seus alunos até a biblioteca e deixá-los à vontade. Depois que chegam ao Ensino Médio, muitos estudantes só passam na biblioteca quando necessitam de um livro para cumprir trabalho escolar. Esse estímulo a frequentar a biblioteca deveria permanecer entre os adolescentes. As leituras da infância não carregam o peso da obrigatoriedade e são mais livres, não se limitam apenas aos clássicos da literatura. Contudo, na transição da infância para adolescência, esse gosto pela leitura acaba se perdendo pelo caminho por vários motivos. As leituras da infância ficam registradas para sempre na memória de algumas pessoas, mas não só relacionadas a uma lembrança desagradável de leitura, ao contrário, deixam uma marca positiva, uma semente, que se for cuidada, cultivada, não será perdida no momento dessa transição. Deixando o terreno propício para a formação de um leitor.

### **Mediadores de leitura**

Rosana foi despertada para a leitura pela sua irmã que, sem perceber, a atraiu para os livros por meio do exemplo. Se a criança desde cedo crescesse em um ambiente de leitura, vendo os familiares lendo, isso seria considerado como uma prática natural na família e seria internalizada sem muito esforço. É o caso dessa professora. A irmã nunca lhe “chamou para a leitura”, apenas lia muito, e isso causou curiosidade em Rosana: “Na fase da adolescência, lia mais porque minha irmã lia e eu achava que devia ser muito legal”.

Na escola eu lia porque era obrigada mesmo, aqueles livros brasileiros, dos escritores brasileiros e eu não era fã de nenhum deles não. Na verdade eu gostei daquele *O seminarista*, gostei mais por causa da história, mas assim, eu li sem interesse, por obrigação (Rosana).

Felizmente, a escola, dentro de suas imposições de leitura, não causa só más lembranças a seus alunos em relação aos livros lidos no período escolar. Em alguns casos, consegue, com a obrigatoriedade, despertar o interesse do aluno para alguma leitura. É recorrente ouvir que só é



possível fazer com que alguém se apaixone pela leitura se você também for um apaixonado por ela. O maior propagador e incentivador da leitura será aquele leitor apaixonado, que foi tocado por alguma obra e que, por meio de seu entusiasmo ao falar do livro, despertará o interesse em outras pessoas.

A escola tem um papel de grande importância na formação do leitor, especificamente no ensino de Literatura que se mostra deficiente. As aulas focam seus ensinamentos em escolas literárias, pouco oportunizando o contato com o objeto de estudo da disciplina: o livro literário. O aluno não se interessa pelas aulas, e quando sai da escola, apenas aprende o que é importante para os vestibulares, como os períodos literários, autores e obras principais, sobrando pouco espaço para a leitura integral e discussão do livro. Beatriz teve uma infância com vários livros à sua volta, graças ao incentivo de seu pai, que em tempos atrás tinha o hábito da leitura: “Sempre via meu pai lendo, ele lia jornal e sempre falava dos livros que lia. Os livros ficavam na estante da sala em minha casa, às vistas de todos [...]”. A menina teve muitos estímulos no decorrer de sua vida para se tornar uma leitora: 1. Sempre via o pai lendo; 2. Ele sempre falava dos livros que lia. 3. Os livros ficavam na estante da sala. Um processo de formação de leitor também se dá dessa forma. A menina tinha a figura de um leitor dentro de sua casa. Havia um exemplo para ela. O pai também costumava falar das leituras, incentivando e instigando a filha a ler e, além disso, havia livros em sua casa, à disposição, às vistas em uma estante na sala, diminuindo a imagem sacralizada e inacessível que existe em torno de um livro. Nesse caso, ela adquiriu o interesse pela leitura porque existiu um mediador e o acesso facilitado aos livros. A falta de mediador e a dificuldade de acesso aos livros para algumas pessoas são pontos que podem ser determinantes para a não formação de um leitor.

Notamos nas falas das entrevistadas, que muitas tiveram acesso a alguns livros por intermédio de indicação ou empréstimos de colegas, como é o caso de Caroline: “Depois, dentro da escola, com os amigos é que eu fui descobrir outras leituras, aí comecei a ler *Harry Potter* e não parei mais” (Caroline). O livro *Harry Potter*, logo que foi lançado, tinha um valor elevado, contudo, milhares de jovens leram, contrariando o discurso de que as pessoas não leem porque os livros são caros. Se não se tem dinheiro para comprar, se pega emprestado. Caroline, de todos os sete livros lançados do *Harry Potter*, gastou somente com um, o restante leu por meio dos empréstimos.



A menção à revista Avon também aparece nessas falas: “A maioria dos livros compro pelo site da livraria Saraiva e pela revista Avon que é mais barato, sem perder a qualidade” (Rosana).

Pérola não têm muitos livros em casa, passou a adquiri-los recentemente. Começou a se interessar por causa da vizinha que lhe emprestou um título. Pérola gostou e passou a comprar. A vizinha também lhe indicou uma forma mais barata de adquirir: o catálogo Avon:

Uma vizinha minha me emprestou o *Jesus, o maior psicólogo que já existiu*, aí gostei e comprei pra mim também. [...] ela me falou que dava para encomendar da Avon, daí passei a comprar por lá. Todos os que tenho pedi de lá, são mais baratos (Pérola).

Maria, durante boa parte de sua vida, não teve o hábito de ler. Quadro esse que vem mudando. Atualmente, toda vez que sobra um tempo ela está lendo e já tem uma lista dos preferidos: “Atualmente estou lendo *20 passos para a paz interior* do Pe. Reginaldo Manzotti. Gosto muito. Também já li *A cabana, 10 respostas que vão mudar a sua vida* do Pe. Reginaldo também e *Ágape* do Pe. Marcelo Rossi” (Maria).

A leitora teve conhecimento desses livros por meio do rádio. Mais uma vez uma mídia contribuiu para despertar o gosto pela leitura, assim como o cinema: “As do Pe. Reginaldo foi pelo programa de rádio que ele tem, que escuto todos os dias, daí o primeiro minha filha me deu e o segundo comprei da Avon. O *Ágape* também comprei da Avon e *A cabana* peguei da minha filha” (Maria). Nesse caso a situação se inverte, temos um exemplo de filhos incentivando os pais a ler, ao invés do que ocorre comumente, pais incentivando filhos. Esse também é um bom exemplo de que nunca é tarde para se apaixonar pelos livros. Maria só passou a se interessar porque se deparou com um livro que fez sentido em sua vida, o que não aconteceu com a leitura dos clássicos feita anteriormente, na qual encontrou dificuldades em compreender os sentidos da história. Maria, inicialmente, foi incentivada pelo programa de rádio que ouvia. Assim como Luana que se interessou pelos livros que foram adaptados ao cinema. A influência da mídia pode ser considerada como um dos motivos pelo qual aumentou tanto a leitura entre as pessoas. Claro que não se pode esquecer que essa influência tem por principal objetivo a venda do produto ao leitor. A divulgação, a transformação de alguns livros em filmes, tem os atraído.

Adorno e Horkheimer (1947) analisaram alguns meios de comunicação, como o rádio, o cinema e a televisão e sua inserção na vida dos cidadãos norte-americanos. Hoje ainda podemos falar da influência da “indústria cultural” sobre as pessoas. A mídia tem esse poder. Ela traz duas



facetas, a positiva e a negativa. Com os avanços tecnológicos, a internet, o rádio, a televisão e o cinema, o acesso à informação se torna mais facilitado. O lado positivo disso, é que mais pessoas estão tendo acesso a mais livros. Hoje, há um *marketing* maior na divulgação de alguns livros, semelhante à venda de outros produtos. É possível ver propagandas de livros na mídia televisiva e internet como também ouvir pelo rádio. O lado negativo disso é que a apelação publicitária acaba transformando o livro em um bem de consumo rápido. O *marketing* excessivo incute nas pessoas uma certa necessidade por determinado produto. Muitos decidem adquirir algum livro de tanto ouvir falar dele, produzindo uma curiosidade maior nas pessoas. A publicidade tem a responsabilidade de seduzir para a aquisição de um determinado produto. O lado positivo disso é que a mídia aguça a curiosidade do leitor.

No *corpus* desse trabalho, poucas foram as vezes em que a escola foi citada como incentivadora ou responsável pelo hábito de leitura entre essas mulheres. Nos poucos casos de sucesso citados, foi por meio de alguma leitura que foi imposta para fazer algum trabalho, mas que o aluno gostou, instigou seu interesse. A escola poderia aproveitar esses momentos de “simpatia” de seus alunos com os livros, para fazer um trabalho de análise, leitura e indicação de outras obras semelhantes para, assim, dar ferramentas para que seus leitores comecem a ler e se tornem leitores maduros e independentes durante suas vidas: “Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida” (LAJOLO, 1984, p. 53).

A marginalização da chamada “literatura de massa” não é o mais aconselhável, já que essa atitude não contribui para despertar o encantamento dos alunos pelos livros. O que deve ser revisto é a abordagem que é feita dos clássicos em sala de aula. O professor poderia partir das leituras conhecidas dos jovens – como os *Best-sellers* - para, posteriormente, apresentar novas leituras. Partir do conhecido para o desconhecido:

[...] é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno (COSSON, 2006, p. 47-48).

Para tanto, é muito importante o contato com diversos tipos de leitura, para que se crie uma base de leituras que ampararão as próximas que virão:



Há, então, que expor o aluno a uma gama variada de textos, se realmente se quer que ele melhore sua leitura. E *melhorar*, aqui, nada tem a ver com a memorização ou velocidade de leitura. Tem a ver, isto sim, com níveis sucessivos e simultâneos de significados que o leitor (aluno) vai construindo para o texto (LAJOLO, 1984, p. 58).

Dessa forma, o papel dos mediadores de leitura, alguns citados aqui: pais, irmãos, amigos; são de extrema importância na formação de um leitor. E, o mais importante mediador, o professor, que saberá aproveitar a bagagem de leituras iniciais de seus alunos para fazer relações com outras obras e apresentar, de forma mais prazerosa, sem obrigatoriedade, outros livros a seus alunos e deixá-los receptivos para que, depois de deixarem a escola, possam se tornar leitores independentes.

### **Escolhas conscientes: o olhar crítico dos leitores comuns**

Maria só foi ter um contato maior com a literatura aos 34 anos quando retornou aos estudos para concluir o ensino médio: “No ensino médio nós liamos muito. O professor de literatura pedia muitos livros clássicos, romances, Jorge Amado, *O cortiço*. Não gostava por causa da linguagem, muito difícil, cheio de “vosmicê”. A leitora foi apresentada aos clássicos da literatura, contudo não se familiarizou com a linguagem, não se interessando pela leitura dessas obras. A linguagem aparece mais uma vez como justificativa para não adesão à leitura dos clássicos, facilitando a preferência pelos livros atuais, que se utilizam de linguagem mais simples.

Rosana também demonstra muita criticidade ao falar sobre seus livros prediletos, contrariando a opinião de muitos intelectuais que acreditam que os leitores de *best-sellers* são consumidores passivos de toda essa literatura:

Livro brasileiro tem uma linguagem difícil de ler, é muito descritivo, então assim, às vezes você perde a paciência para ler porque ele escreve muito uma coisa e a história acaba se perdendo, pelo menos é o meu ponto de vista. E os outros não, que contam um fato, e é corriqueiro, é rápido, uma coisa que você já vê resultado e vê o que aconteceu em seguida (Rosana).

Ela também cita os principais livros que marcaram suas leituras: “*O Menino do pijama listrado*, *Saga do Crepúsculo*, *A última música*, *Querido John*, e um livro que a personagem do *Crepúsculo* lê na história: *Morro dos ventos uivantes* e os livros do Dan Braw (Rosana). Temos, neste caso, um exemplo de como a leitura de *best-sellers* pode levar sim à leitura de um clássico. Rosana se sentiu





atraída pela obra lida pela personagem dentro da história do *Crepúsculo* e procurou lê-lo também. Hoje ela faz parte da sua lista de livros preferidos. A leitura de várias obras acaba rememorando outras além de preparar o leitor para o próximo livro, aumentando seu repertório de leituras.

Para Aline, os livros podem ter diversas funções. Pode servir para distração ou até mesmo para adquirir conhecimentos, depende do objetivo que se pretende alcançar quando se escolhe um livro para ler:

Gosto muito do imaginário então me interessei pelos livros da autora Stephenie Meyer, que virou febre nos adolescentes e adultos também. *Quem ama educa*, tive que ler para seminário na faculdade também, [...], enfim temos que buscar na leitura o que precisamos para nosso conhecimento e também pra distração (Aline).

A resistência dos leitores frente às obras da tradição literária, muitas vezes, ocorre por esse motivo. São livros antigos, com linguagem diferente da usada atualmente, o que faz com que os leitores, muitas vezes, não consigam romper a barreira para adentrar na leitura, ficam bloqueados pela linguagem, e se ainda não houver um estímulo ou um mediador para ajudá-lo a significar a leitura, acabam abandonando e não voltando mais para os livros. Daí a importância da leitura se iniciar na infância e também da leitura de gibis, revistas, contos de fadas. Todas as leituras, se realizadas com frequência, vão auxiliar no amadurecimento do repertório de leitura, tornando mais fácil o processo de formação do leitor. As leituras mais “fáceis” do ponto de vista da crítica literária, podem ser importantes para construção de uma bagagem cultural e familiarização com a leitura, o que, com certeza, ajudará a ingressá-lo com maior facilidade em outras obras.

[...] O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma ou que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a leitura estaria condenada a desaparecer num curto prazo (TODOROV, 2009, p. 77).

Daí vem a grande importância da literatura considerada mercadológica, de “massa”. Esses livros estão encantando leitores pelo mundo e despertando o amor pela leitura entre várias pessoas, “parece ser, simultaneamente, a causa e a solução do problema” da leitura entre os jovens (ZILBERMAN, 1987. p. 7). Ao mesmo tempo que são leituras que os atraem, inculcando o hábito de ler em muitos jovens, essas obras não são bem vistas e não parecem se apresentar como uma forma eficaz de formar um leitor crítico-literário, na opinião de alguns.

Caroline descreve com riqueza de detalhes as sensações durante a leitura do livro, e sem esquecer de destacar que o livro era “enorme”, não sendo esse um problema para ela:



O livro é enorme e eu me apaixonei porque é uma coisa que te emociona que você quer ver. Eu lembro que quando eu parava [...], eu ficava “meu Deus eu vou perder essa cena!”, como se fosse um filme, aí eu lembrava que era um livro e que podia ler a qualquer hora. [...] Todo capítulo acaba em alguma coisa do tipo “e ele abriu a porta”, daí você não consegue parar (Caroline).

A história absorveu a leitora, fazendo até com que ela chegasse a confundir com a realidade, se tornando íntima dos personagens e sofrendo junto com eles. Essas são algumas das sensações que fazem com que um leitor se apaixone pela leitura e que os livros e os personagens fiquem marcados em sua memória. Entretanto, a mesma intimidade com o livro e os personagens não ocorreu no momento que a estudante tentou ler *Dom Casmurro* e *Senhor dos Anéis*.

Li, porque todo mundo falava que *Senhor dos Anéis* era mais clássico [...] é um livro muito detalhista, porque a escrita também é antiga, apesar de ser um mundo novo como o *Harry Potter* que é todo encantador, é uma literatura muito detalhada, tanto que você se perde da história. [...] Também não é como os clássicos, tipo se você comparar com Machado de Assis, ele é um pesado diferente, é mais cabeça, ele tem uma linguagem mais antiga com uma história um pouco mais parada, lógico, a história é envolvente, se você for ver *Dom Casmurro* é uma história super envolvente, só que o jeito que ele conta... eu não me senti tanto com o Bentinho, sofrendo com ele, me senti, tipo, to vendo sim, mas de longe, alguém está me contando e no *Harry Potter* eu estava ali no meio, é bem diferente, eu me senti ali dentro (Caroline).

Carol se mostra uma leitora muito crítica ao descrever os motivos pela preferência de *Harry Potter* a *Dom Casmurro*. Mostra que tem capacidade de comparar as obras que lê. Isso faz parte da atitude de um leitor maduro que se mostra capaz de acatar ou descartar obras de acordo com seu gosto pessoal. Essa liberdade do leitor parece faltar nas escolas, dificultando a formação de um leitor no ambiente escolar:

[...] o aluno tem, tanto quanto o professor, o direito de não gostar de um texto e, conseqüentemente, de se recusar a trabalhar com ele. Esse mínimo de liberdade, garantido em situações comuns de leitura, a qualquer leitor (que começa a ler um livro e para, porque percebeu que não faz seu gênero) parece às vezes exilado do dia-a-dia escolar (LAJOLO, 1984, p. 54).

A distância do leitor em relação à obra pode se dar pela distância da linguagem e tempo da obra. O leitor atual não consegue se identificar tão facilmente com personagens antigas de épocas anteriores. Nesses momentos, é de grande necessidade a participação de um mediador para relacionar os diferentes mundos e ressignificar essa obra na atualidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem do livro é citada muitas vezes entre as entrevistadas como um dos pontos principais pela preferência pelos *best-sellers*. Carol compara com a novela, como se a cada capítulo ficasse um suspense no ar. De acordo com ela, *Harry Potter* tem essa qualidade. Sempre deixa um “fiozinho” para que o leitor não perca o interesse: “Pra começar, tem duas coisas, o tipo de linguagem que é uma linguagem tipo novela, é um negócio que te deixa um fiozinho para o próximo capítulo, te intriga a descobrir [...]” (Caroline). Essa pode ser uma boa explicação para esses leitores “devorarem” livros com muitas páginas em poucos dias. Esse é um recurso realmente muito utilizado nas novelas, como ela mesma comparou. Isso prende o telespectador e garante sua volta em frente à televisão no outro dia.

Pérola não tinha o hábito da leitura, assim como Maria está adquirindo esse hábito depois de adulta. Ela cita alguns títulos preferidos: “*Jesus, o maior psicólogo que já existiu* do Augusto Cury; *Pais Brilhantes, professores fascinantes* do Augusto Cury, *A casa da divina providência* do Jorge Luis Baldasso e o *Monge e o Executivo*” (Pérola). As duas leitoras se identificaram com obras que são consideradas do gênero autoajuda: “É que eles são de autoajuda, e realmente ajudam a gente a pensar na nossa vida, nas nossas atitudes. Eu mesmo estava tendo alguns problemas com minha filha mais nova e o livro *Pais brilhantes* me ajudou muito com ela” (Pérola). Pérola e Maria explicitaram sua predileção por essas obras porque têm as ajudado a melhorar seus relacionamentos e mudar suas atitudes cotidianas. Eles claramente fazem relação com suas vidas, trazendo dramas pessoais e familiares e apontando caminhos. As pessoas tendem a se interessar por histórias que são familiares à sua realidade ou, ainda, que apresentam outros mundos e que fazem com que o leitor se sinta imerso dentro dele. São essas as sensações que fazem o leitor permanecer na leitura, quando a história é capaz de envolvê-lo e lhe trazer emoções variadas. A grande diferença entre o leitor comum e os estudiosos de literatura é que o primeiro, quando busca uma leitura, a procura para satisfazer alguma necessidade, achar alguma informação ou simplesmente se distrair. Esse leitor não deseja se tornar um profissional da literatura. A melhor obra sempre será aquela que faz algum sentido na vida daquele leitor. Só nos identificamos com um livro quando ele nos fala à nossa vida, ou até mesmo quando encontramos situações que não tem nada a ver com nossa vida real e, por isso mesmo, elas nos tocam, porque nos mostram que existe o “outro”. O interesse pela leitura só surgirá a partir disso, de livros que nos fazem chorar, rir e refletir.



Os livros que possuem números expressivos de vendas são os preferidos da maioria da população, mas são menosprezados pela crítica literária. O que não podemos esquecer, ao definirmos alguns livros como bons ou ruins, é que esse tipo de julgamento é subjetivo e leva em conta o amadurecimento intelectual de cada leitor para considerar uma obra como “fácil” ou mais complexa. A formação de um leitor maduro ocorre de forma gradual. Salvo poucas exceções, ninguém nasce pronto para ler Machado de Assis, por exemplo. Há que se passar por um processo de amadurecimento, de formação de um repertório de leituras. Os *best-sellers*, as revistas em quadrinhos, os livros de banca de jornal e, claro, o contexto de vida de cada um, contribuem para a formação deste repertório cultural. Se quisermos que os atuais leitores atinjam níveis mais complexos de leitura, não basta obrigá-los a ler os clássicos da literatura na escola. Ao contrário, aproveitar o momento de popularidade atual dos livros entre as pessoas para oportunizar a leitura de outras obras. Esta é a principal função do professor: dispor à seus alunos, uma gama variada de artefato cultural: literatura, música, artes plásticas, dramaturgia, entre outros. Ou seja, oferecer as ferramentas para que as diversas expressões artísticas possam fazer sentido na vida dos jovens. A escolarização ideal seria aquela em que se dotassem os educandos dos instrumentos necessários para transitar entre as diversas manifestações artísticas. Com essa base cultural, o hábito de leitura se construiria naturalmente entre as pessoas e cada leitor teria condições de compor o seu cânone particular, com as leituras mais importantes para a sua formação cultural.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1947.
- BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental: Os livros e a escola do tempo*. Trad. SANTARRITA, Marcos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: Teoria e Prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In. ZILBERMAN, Regina (org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p. 50-62.



TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. MEIRA, Caio. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina (org). *Os preferidos do público: os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.